

Uma visão maranhense

Sérgio F. Ferretti

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

FERRETTI, SF. Uma visão maranhense. In: MOREIRA, P., and MACRAE, E. *Eu venho de longe: mestre Irineu e seus companheiros* [online]. Salvador: EDUFBA, 2011, pp. 37-45. ISBN 978-85-232-1190-5. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Uma Visão Maranhense

Em fins da década de 1980, assisti, na PUC-SP, uma mesa redonda sobre legislação e o uso da ayahuasca, com a participação de diversos especialistas entre os quais os Professores Drs. Edward MacRae, Edgard de Assis Carvalho, Elisaldo A. Carlini (do Centro Brasileiro de Informações Sobre Drogas Psicoativas), o jurista Dalmo Dalari e outros, que debateram diversos aspectos interessantes relativos a esta manifestação religiosa e cultural que estava se difundindo em diferentes regiões do país. Lembro que, na época, indaguei a antropólogos presentes sobre o problema de como conciliar pesquisa de campo com observação participante no estudo de uma religião em que os adeptos têm que assumir o estado alterado de consciência. Depois disso, já orientei trabalho de um estudante que enfrentou esta situação sem grandes problemas.¹

Pouco depois, tive a oportunidade de participar, com alguns colegas, de uma cerimônia do Santo Daime no sítio Castelo da Mombaça em Taboão da Serra, pertencente a um artista membro do Daime. Nas vésperas, tivemos que assistir a uma reunião preparatória na qual fomos informados sobre as condições necessárias para a participação do ritual, como abstinência de carne vermelha, bebidas alcoólicas e sexo, uso de roupas leves assim como outras orientações.



A cerimônia da qual participamos foi realizada durante toda uma noite num belo sítio, com muita vegetação, nos arredores de São Paulo. O espaço onde ocorreu o ritual era uma espécie de castelo aberto e amplo que comportava uma centena de pessoas separadas por alas, masculina e feminina, com predomínio de homens, o que foi dito não ser bom pelo desequilíbrio de energias. No espaço central havia uma grande mesa, coberta por toalha branca de crochê, com diversos objetos como cristais, raízes, cruz de Caravaca em acrílico e outros símbolos místicos. Em torno da mesa, uma dezena de cadeiras onde se sentaram músicos e algumas pessoas. Os instrumentos utilizados foram: dois violões, uma flauta, uma guitarra boliviana, um violino. O acompanhamento foi muito bem executado por músicos excelentes. Numa extremidade da mesa, um dos adeptos tocava um maracá enfeitado com fitas. Em torno do espaço alguns vigilantes também seguravam maracás e controlavam para que os participantes não se afastassem do recinto.

Todos os devotos fardados usavam uma estrela dourada e/ou prateada e as mulheres levavam um diadema na cabeça. Cantavam hinos, davam passos à esquerda e a direita, seguidos de uma meia roda. Tomamos três vezes a ayahuasca durante várias horas, estando todos envolvidos no ambiente místico do ritual. Constatei, na oportunidade, que pude também realizar o exercício antropológico da observação participante.

Ao regressar, de imediato lembrei o Baile de São Gonçalo que gosto e costume assistir no Maranhão. É um ritual do catolicismo popular, uma forma de pagamento de promessa, de origem portuguesa, provavelmente trazida por açorianos e muito comum na região dos lagos de Viana da Baixada Maranhense.² Os brincantes dançam em filas, vestidos com roupas parecidas às vestimentas do Daime, todos de branco usando fitas coloridas, as mulheres com coroas ou grinaldas na cabeça e os homens com chapéu de veludo bordado. O Baile de São Gonçalo, ao som de instrumentos de corda, costuma ser realizado no período do verão, no segundo semestre do ano, época em que não chove. Pessoas procedentes de Viana, São Vicente Ferrer, Cajari, São João Batista e municípios vizinhos se reúnem e pagam promessas com o baile de São Gonçalo que é frequentemente realizado em bairros da periferia de São Luís.

O ritual do Santo Daime lembra também aspectos dos toques de Tambor de Mina, religião afro-brasileira do Maranhão em que cânticos



ou doutrinas entoados são repetidos várias vezes pelo coro. Tem também relações com a Pajelança ou Cura, que se inclui no universo da religiosidade popular afro-indígena maranhense. Possui elementos da Festa do Divino, como comentam Labate e Pacheco.³

Desde então, temos conversado com alguns pesquisadores que estudam o Daime, apontando relações entre seus rituais e elementos da cultura e da religiosidade popular maranhense, especialmente com a Dança de São Gonçalo e com o Tambor de Mina, tendo em vista que o fundador desta religião foi um negro natural de São Vicente Ferrer, na Baixada Maranhense. Em artigo publicado em 2002, Labate e Pacheco afirmam que, no universo da “encantaria maranhense” há diversos conceitos e termos que são utilizados no Santo Daime, como doutrina, cura, firmeza, a devoção à Nossa Senhora da Conceição e outras entidades, algumas com títulos de príncipes e princesas. Mencionam relações do Daime com a festa do Divino Espírito Santo, largamente difundida no ambiente de Tambor de Mina do Maranhão, em que um grupo de crianças representa um império ou reinado. Mostram alguns versos das caixeiros da festa do Divino que têm semelhanças com hinos do Daime.

Analisando relações entre o Daime o baile de São Gonçalo, Labate e Pacheco (2002) constatam que “as semelhanças estilísticas [...] são notáveis”. Destacam nestas relações a presença de roupas brancas denominadas de farda, o uso de terno, gravata e chapéus pelos homens, de saia e coroas pelas mulheres e de fitas coloridas por ambos. Mostram semelhanças nos instrumentos e nos ritmos com valsas e marchas. Consideram ser provável que, na composição da ritualística daimista, Mestre Irineu tenha se inspirado no baile de São Gonçalo. Lembram ainda a importância do maracá, no bumba-meu-boi e na pajelança maranhense, como no ritual do Daime e comentam que estas influências também estão presentes na Barquinha, outra religião ayahuasqueira fundada pelo maranhense Mestre Daniel Pereira Mattos.

O livro *Eu Venho de Longe, Mestre Irineu e Seus Companheiros*, de Paulo Moreira e Edward MacRae, apresenta grande número de detalhes sobre a história de vida do fundador da religião do Santo Daime, Raimundo Irineu de Matos, maranhense nascido em fins do séc. XIX em São Vicente Ferrer, que media cerca de dois metros e com cerca de vinte anos foi para o Acre, chegando lá no fim do ciclo da borracha.



Embora os autores reconstituam minuciosamente a vida de Mestre Irineu, afirmam na introdução que não pretendem apresentar a única e verdadeira história deste líder carismático, cientes de que várias interpretações podem ser dadas sobre múltiplos aspectos de cada história de vida. Discutem elementos da metodologia da pesquisa, da observação participante e de sua longa convivência com as manifestações daimistas, afirmando que, sem isso, o trabalho teria sido praticamente impossível de ser realizado. Mencionam fontes e documentos consultados, discorrem sobre preconceitos e discriminações contra o negro e as religiões afro-indígenas, sobretudo por parte do fundamentalismo neopentecostal hoje largamente difundido.

O trabalho destaca as origens maranhenses do fundador e suas raízes entre escravos e indígenas na Baixada Maranhense. Apresenta detalhes e documentos sobre sua história e depoimentos de familiares, com ilustrações relativas à época em que Irineu Serra viveu em sua terra natal. Elabora reconstituição detalhada da vida do mestre entre seus familiares. Reconstitui sua saída do Maranhão em 1909, com cerca de 18 anos e a chegada ao Acre em 1912. Todo o texto é ilustrado com várias fotos e mapas indicando locais de sua passagem e permanência, comentando seu trabalho na Comissão de Limites entre Peru e o Acre, contatos que manteve com outros migrantes nordestinos⁴, com negros e conterrâneos do Maranhão. Comenta também as origens indígenas da ayahuasca e narra mitos da fundação da religião de Mestre Irineu. Apresenta e discute relações de Irineu com espíritas, esotéricos, com militares e políticos.

Entre outros temas, o livro analisa a formação do Daime, mostrando que nos hinos aparecem muitos nomes indígenas provavelmente decorrentes de contatos de Irineu com elementos da cultura Tupi, em sua terra natal e na Amazônia. Mostra que várias entidades invocadas no Daime são membros de famílias reais, Magos do Oriente, ou entes da floresta, como ocorre nas religiões populares afro-ameríndias e em outras manifestações da cultura popular no Maranhão e no Norte do país.

Menciona o uso do tabaco, de rapé e de chás, como a erva cidreira, da macaxeira insossa e os diversos trabalhos e chamados de cura realizados por Mestre Irineu. Refere-se à presença da linha do Tucum⁵, ao uso dos conceitos de irradiação e encosto, comuns no Espiritismo, no Tambor de



Mina e hoje muito difundido pelo Pentecostalismo. Comenta a criação periódica de novos hinos e a criação de novos moldes de fardas que marcaram momentos distintos da doutrina de Mestre Irineu. Anota que certos trabalhos de mesa organizados pelo Mestre Irineu deveriam ser realizados com número ímpar de participantes (3, 5, 7 ou 9), o que também ocorre em alguns rituais do tambor de Mina como banquete dos cachorros⁶. Comenta o costume de usar charuto e fumaça para curar, de beber ou passar urina para trabalhos de cura. Assinala a presença de valsas, marchas, mazurca e maracá. Aponta a adoção do calendário católico para certas festas, o uso de velas e de rezas populares como Ave Maria, Pai Nosso, Salve Rainha, Louvado seja N. S. J. C. Destaca a presença do costume de “entrega da festa”. Refere-se a não utilização da cor preta nas faixas do fardamento. Constata-se facilmente que a maioria destas práticas é comumente encontrada nas religiões e na cultura popular amazônica e maranhense, como no Bumba-meu-boi, no Tambor de Crioula, no Tambor de Mina, na Pajelança e em outras religiões afro-brasileiras do Norte e Nordeste.

Os autores comentam a adoção de elementos culturais ligados às religiões afro-ameríndias e ao catolicismo popular, ao Ciclo Esotérico Comunhão do Pensamento e relações do Mestre com a linha do astral, mais próxima ao espiritismo. Verificamos que esta religião brasileira, nascida no Norte, que hoje se difunde no país e no exterior, como toda religião e como toda manifestação cultural, apresenta características do sincretismo cultural e religioso, o que não retira sua autenticidade como prática religiosa⁷, como julgam alguns que consideram o fenômeno do sincretismo como mistura indigesta que diminuiria a pureza da religião.

Comentam que, na procura de uma parceria intelectual, algumas vezes, mestre Irineu frequentou e se associou ao Círculo Esotérico Comunhão do Pensamento, trouxe para o Daime princípios filosóficos inspirados nesta doutrina e incluiu nos rituais símbolos como a Cruz de Caravaca. Trouxe também ensinamentos de um guru indiano e outros princípios teosóficos. Somou conhecimentos da cabala judaica, da astrologia e do budismo, influenciado pela leitura de textos esotéricos. Segundo nossos autores, a procura de aproximações com a religião católica, com o protestantismo e com outras tradições, demonstra a necessidade de legitimação de sua doutrina para minimizar estereótipos decorrentes de seu fenótipo de negro,



para evitar perseguições ao Daime e ao curandeirismo, relacionadas com acusações de feitiçaria que foram atribuídas ao fundador.

O livro menciona diversos incidentes de vida pessoal do mestre, que, algumas vezes, foi temido e considerado como um negro feiticeiro, que matava crianças, que ao longo de sua vida teve diferentes esposas e ao mesmo tempo era uma figura carismática, de grande liderança, respeitador das leis e respeitado pelas autoridades locais como um guia que organizava, orientava e dirigia grande número de adeptos.

Diversas passagens mencionam a rede de relações sociais e políticas do Mestre no Acre, sua participação em apoio a candidatos a cargos eletivos e os benefícios destes contatos para seu grupo religioso. Comentam que Mestre Irineu sempre foi um homem que estava ao lado do Governo e, por isso, muitos políticos iam pedir o seu apoio. Desenvolveu laços de amizade com governadores e deputados do Território e depois do Estado do Acre, que frequentavam sua casa e tomavam Daime para tratamento de saúde. Mostram sua proximidade com a cúpula do governo local, dizendo que foi cortejado por políticos em busca de votos. Afirmam que o mestre nunca teve vocação para a oposição. Sempre foi homem da lei. Manteve boas relações com os governos militares e foi considerado como líder espiritual e conselheiro político, uma vez que reunia muita gente e tinha grande liderança. Pretendendo salvaguardar seu grupo, possivelmente trabalhava por uma acomodação com o poder político. Lembram também que um líder do Daime, amigo do mestre, foi torturado pelos militares por ser de esquerda. Informam que atualmente o pessoal do Daime mantém grande proximidade com partidos de esquerda no Acre. Verifica-se por estas informações que Mestre Irineu foi de fato um líder religioso carismático com grande capacidade de influenciar pessoas. Lembro que grandes líderes religiosos populares como Mãe Menininha do Gantois, do candomblé da Bahia, Mãe Andresa Maria e Dona Celeste Santos na Casa das Minas do Maranhão e vários outros tiveram características similares, de somar forças e reunir pessoas. O Mestre desenvolveu um novo sistema religioso original, procedente de múltiplas origens, que soube sintetizar com maestria. Sua doutrina tem elementos do catolicismo, da umbanda, da medicina popular, das religiões ameríndias e revela conhecimentos de inspiração sobrenatural.



O trabalho mostra a consolidação do Daime após o retorno de Mestre Irineu de viagem que fez ao Maranhão em meados dos anos de 1950, mencionando a adoção de diversas alterações nos rituais e no fardamento dos devotos. Comenta a aproximação, sobretudo a partir daí, das fardas usadas nos rituais do Daime com as vestes do baile de São Gonçalo maranhense. O livro mostra fotos e menciona a proximidade de Irineu Serra com seu primo Mestre Elpidio, exímio tocador de tambor de crioula de São Luís e com o maranhense de Vargem Grande, Daniel Mattos, que mais tarde foi o fundador do ritual ahyuasqueiro da Barquinha, que possui semelhanças com a linha da umbanda.

Narra, com descrição detalhada, as maneiras de confeccionar o Daime, mostrando que as plantas devem ser colhidas na lua nova, afirmando que, quando bem preparada, a bebida chega a durar 30 anos fora da geladeira. Moreira e MacRae comentam ainda diversos problemas que Irineu Serra enfrentou no fim da vida, como polêmicas, tensões e rivalidades entre os seguidores, que ameaçavam o poder que sempre tivera e que se refletia no título de Mestre Império ou Imperador⁸.

Sua morte, em 06 de Julho de 1971, com mais de 80 anos, provocou grande consternação, deixando viúva sua esposa dona Peregrina, então com 33 anos. O velório foi muito concorrido e ele foi sepultado como grande líder, como um chefe militar, ou uma autoridade política. São apresentadas fotos do velório e do caixão coberto com a bandeira nacional.

O trabalho contém ainda uma dezena de páginas de referências bibliográficas e vários apêndices e anexos. Possui grande número de notas, fotos, mapas, documentos escritos, letras e música de hinos e doutrinas. Inclui árvores genealógicas e esquemas de parentescos de Mestre Irineu e de alguns de seus colaboradores mais próximos. Expõe também croqui com gráfico da arrumação de um salão de reuniões do Daime.

O livro apresenta muitos detalhes e informações sobre circunstâncias em que os hinos foram recebidos. Mostra aspectos da identidade de Mestre Irineu, um negro maranhense que saiu do interior com cerca de 20 anos e foi para a Amazônia, levando consigo elementos da personalidade negra e cabocla, amazônica e nordestina e, sobretudo maranhense como podemos ver ao longo de todo o trabalho e em muitas passagens de sua vida.

De acordo com Motta, na Região da Baixada Maranhense onde nasceu Mestre Irineu, a Pajelança de negro encontra-se amplamente difundida.⁹



Nela encontramos crenças em seres encantados que são príncipes, princesas, índios, caboclos etc. Na orelha do livro de Christiane Motta (2009), Mundicarmo Ferretti afirma que, na pajelança maranhense (práticas da medicina popular da Amazônia), não se pode separar terapia da religião. A pajelança surgiu do encontro de culturas nesta região com a junção de crenças, práticas e rituais do catolicismo europeu, das crenças dos ameríndios e dos ritos dos afro-descendentes. A religião do Santo Daime fundada pelo Maranhense Mestre Irineu tem muito de sua terra natal.

Bastante longo e minucioso, o livro, em algumas passagens, talvez peque pelo excesso, quase barroco de detalhes e informações, mas sua leitura é fácil e agradável. É um trabalho de fôlego e de grande interesse justamente pelo estudo minucioso, como uma filigrana sobre a história de vida de um negro nascido no interior do Maranhão poucos anos após a abolição da escravatura e que fundou uma religião. Como outros nordestinos, aos 20 anos chegou à Amazônia no fim do ciclo da borracha. Enfrentou problemas no novo ambiente, estabeleceu-se no Acre desde antes da Primeira Guerra Mundial. Diante das dificuldades de vida, procurou e encontrou junto aos nativos uma combinação de plantas mágicas, que, com a ajuda de encantados e entidades sobrenaturais lhe ensinaram a organizar os fundamentos de uma nova religião de cura de males materiais e de orientação espiritual. A combinação de conhecimentos de plantas da região amazônica, preservados pelos indígenas e adaptados por Mestre Irineu, com os ensinamentos conseguidos junto a seus protetores espirituais, fez com que ele, com seus companheiros, organizassem uma nova religião brasileira, surgida entre seringueiros da Amazônia, que hoje se difunde em toda parte. Os rituais desta religião se inspiram na religiosidade e na cultura popular de sua terra e da Amazônia. Esta religião veio trazer alento e cura aos caboclos dos seringais do Acre, ampliou-se pelo país, pelo exterior, entre diferentes classes sociais e se apresenta a novos devotos nas grandes cidades, ansiosos por uma fé que traga mais coragem para enfrentar as dificuldades atuais da vida urbana, na busca de um retorno à natureza e a um mundo mais simples.

São Luís, novembro de 2010

Dr. Sérgio F. Ferretti

Antropólogo e professor Emérito da UFMA



Notas

- 1 Sobre o uso da ayahuasca na União do Vegetal em São Luís ver: SOUZA, Valdir Mariano. *Ayahuasca, identificando sentidos: o uso ritual da bebida na União do Vegetal*. 2010. 180 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Maranhão, 2010.
- 2 Sobre o Baile de São Gonçalo em São Luís e em São Vicente Ferrer, ver Pereira (2008).
- 3 LABATE, Beatriz C.; PACHECO, Gustavo. Matrizes Maranhenses do Santo Daime. In: LABATE, B. C.; ARAUJO, W. S. (Org.). *O uso ritual da Ayahuasca*. Campinas: Mercado de Letras; FAPESP, 2002. p. 303-344.
- 4 Ver: PANTOJA, Mariana Civatta. *Os Milton: cem anos de história nos seringais*. Com pós-escrito sobre os Kuntanawa. Rio Branco, AC: [s.n.], 2008.
- 5 No Tambor de Mina do Maranhão a linha do tucum também aparece nos rituais denominados de Tambor de Índio. A respeito, ver: FERRETTI, Mundicarmo M. R. A representação do índio em Terreiros de São Luís. *Pesquisa em Foco*, São Luís: UEMA, v. 6, n. 8, p. 47-57, 1998.
- 6 Sobre o banquete dos cachorros na Casa das Minas. Confira FERRETTI, Sérgio. *Repensando o Sincretismo*. São Paulo: Edusp, 1996.
- 7 Sobre Sincretismo ver Ferretti (1996).
- 8 Título que remete à figura do Império do Divino, elemento essencial da Festa do Divino Espírito Santo que está presente praticamente em todos os terreiros de Tambor de Mina do Maranhão. (FERRETTI, 1996)
- 9 MOTTA, Christiane. *Pajés, curadores e encantados: pajelança na Baixada Maranhense*. São Luís: Edufma, 2009.

